

# A MEMÓRIA NA SALA DE AULA: O GÊNERO DIÁRIO ÍNTIMO E A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

## MEMORY IN THE CLASSROOM: THE INTIMATE DIARY AND GENDER (RE) CONSTRUCTION OF IDENTITY

Francis Paula Paula Correa Duarte – UFRRJ  
[fpcd79@gmail.com](mailto:fpcd79@gmail.com)

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar a construção da identidade a partir do gênero discursivo “diário íntimo” e, conseqüentemente, os processos de reconhecimento do indivíduo em relação a própria sociedade. A elaboração dos diários, após a leitura da obra “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus, busca compreender a forma como o educando assume uma postura ativa, reflexiva e crítica dos temas e gênero abordados para então, discutir sobre si mesmo e as transformações em que está inserido.

**Palavras-chave:** Análise do discurso; Gêneros Discursivos; Diário Íntimo; Memória e Identidade.

**Abstract:** The aim of this paper is to analyze the construction of identity from the discursive genre "diary" and hence the individual's recognition processes in relation to society itself. The preparation of the daily, after the reading of the work "Quarto de despejo," Carolina Maria de Jesus, seeks to understand how the student takes an active approach, reflective and critical themes and gender addressed to then discuss about yourself and the transformations in which it appears.

**Keywords:** Discursive analysis; Discursive genres; Intimate daily; Memory and Identity.

## 1 INTRODUÇÃO: AS MEMÓRIAS COMO PAPEL ATIVO, REFLEXIVO E CRÍTICO

Falar sobre construção da identidade é abordar as interações sociais do indivíduo uma vez que depende da existência do outro e ainda, as possíveis reconstruções e as transformações em novas interações. De acordo com Denys Cuche (1999), a identidade é uma construção social, e não um dado que foi herdado de forma biológica. Ela se dá, portanto, no sentido da representação: a identidade representa a forma como os indivíduos se enxergam e enxergam uns aos outros no mundo.

“O importante são as representações que os indivíduos fazem da realidade social e de suas divisões(...) A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas(...) Deve-se considerar que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais” (CUCHE, 1999, p.181).

Além disso, a definição teórica de *identidade* mostra-se como uma questão complexa, devido a multiplicidade de conceitos de *identidade* e conforme o critério adotado para sua definição, perpassa aspectos que podem ir desde o filosófico, psicológico, sociológico até o linguístico, por exemplo. No caso específico da identidade social, segundo Maura Penna (2001), "inúmeras definições e empregos diferenciados da noção de identidade (...), sendo grande a diversidade (e mesmo ambiguidade) no emprego do termo".

A autora também argumenta que, a partir dessa indefinição, nota-se uma linha tênue para os estudos sociais em relação à ideia de senso comum, percebendo as diferenças entre pessoas como "parte da natureza das coisas, [...] como algo dado, inerente a um grupo ou indivíduo" (PENNA, 2001, p. 92). Contrapondo-se a essa noção simplista de *identidade*, Penna afirma:

“[...] a identidade social é uma construção simbólica que envolve processos de caráter histórico e social, que se articulam (e atualizam) no ato de atribuição. Consideramos, assim, que a identidade social é uma representação, relativa à posição no mundo social, e portanto intimamente vinculada às questões de reconhecimento. Concebemos a possibilidade de múltiplas identidades, com base em referenciais distintos – como a origem territorial, a condição de gênero, a etnia, a atividade profissional etc.

–, pois, enquanto uma construção simbólica, a identidade não é decorrência automática da materialidade” (PENNA, 2001, p. 92-93).

Desse modo, a *construção de identidade* associa-se de forma íntima às "condições de existência, à cultura e às relações sociais", ou seja, as possibilidades de construção identitária são construções mutáveis, conforme mudem as condições sociais. Tal afirmativa é sugerida por Eni Orlandi (2001, p. 204), ao apresentar que "a identidade é um movimento na história, [...] ela não é sempre igual a si mesma. Isto é, ela não é homogênea e ela se transforma. Não há identidades fixas e categóricas". Ideia semelhante é expressada por Ângela Kleiman:

“Consideramos que a construção de identidades é constitutiva da realidade social das práticas discursivas, juntamente com outras construções, como a construção de relações sociais entre os falantes e a construção de sistemas de conhecimentos e crenças [...]. As identidades são (re)criadas na interação e por isso podemos dizer que a interação é também instrumento mediador dos processos de identificação dos sujeitos sociais envolvidos numa prática social” (KLEIMAN, 2001, p. 280-281).

Nesse contexto, é perceptível que o diário íntimo não traz apenas o sujeito que o constrói. Ao falar de si mesmo, o sujeito fala também dos valores, das censuras, das normas e experiências de sua época. Como o continuador de prática social, a linguagem que é utilizada no exercício de se construir uma identidade estável para si é construída igualmente de forma social.

Assim, a partir do uso do diário, ver-se-á a *identidade* como uma construção simbólica formada discursivamente por meio de processos de reconhecimento de pertinência do indivíduo em relação a própria sociedade. Como Penna, observa-se também que o indivíduo se representa e é representado em identidades múltiplas e, do mesmo modo como Kleiman e Orlandi, considera-se a ideia de *identidade* como uma construção mutável, dinâmica, em estreita ligação com as práticas sociais nas quais o indivíduo se engaja.

A reflexão do papel do educador no processo de construção da leitura e da escrita de um gênero, o diário íntimo, por exemplo, mostra-se relevante nesse âmbito. É preciso que o educador leve o educando a analisar para quem se escreve, mesmo que seja para si mesmo; por que se escreve; quando e onde escreve; no

que o sujeito conhece de forma efetiva sobre o tema; como fazer-se compreender; que variante linguística é mais adequada. Assim, tais questões possibilitariam o conhecimento necessário para interagir produtivamente com seus pares em diferentes atividades e situações discursivas.

Portanto, na (re)construção de uma ideia de identidade, por meio dos diários em sala de aula, o papel do aluno mostra-se de primordial, pois é sujeito da sua produção. É ele quem enriquece, modifica, e constrói seus instrumentos de ação e interpretação por meio da interação com os objetos de conhecimento, com a realidade que o cerca. Contudo, nesse âmbito educacional, cabe ao professor propiciar situações significativas, em que o saber previamente construído na sala de aula ou em seu cotidiano familiar e social seja resgatado e reelaborado, contextualizando-o ao conhecimento formal.

Acredita-se que esse conjunto de práticas, solicitando constantemente do educando uma postura ativa, reflexiva e crítica a respeito dos temas e do gênero abordado, proporcione uma ampliação de seu conhecimento e venha prepará-lo para discutir sobre si mesmo e qual seu posicionamento frente as transformações em que está inserido.

## **2 UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E METODOLOGIA PARA AS AULAS DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NO 8º ANO FUNDAMENTAL**

Inicialmente, para uma compreensão prática, buscou-se uma abordagem baseada na experimentação e desse modo, propiciaram-se atividades durante as aulas de leitura de uma turma do 8º ano do ensino fundamental, com uma faixa etária de 13 a 16 anos, da área urbana, e que envolveram a análise e a compreensão da obra memorialista **Quarto de despejo – Diário de uma favelada**, de Carolina de Jesus, sobretudo com um foco voltado para as lembranças íntimas, as dificuldades sócioeconômicas e a perspectiva de futuro mencionadas pela autora.

Ressalta-se que o município em realizou-se a pesquisa em questão, ainda passa por um período de reestruturação em todas suas esferas, após a crise ocasionada a partir da privatização da usina. Sem as ações diretas da empresa, as famílias buscam traçar alternativas para minimizar as perdas e as dificuldades socioeconômicas. Desse modo, o desemprego, os baixos salários e o aumento das desigualdades sociais contribuíram para os deslocamentos populacionais e um olhar, até mesmo pessimista, frente ao futuro, o que acaba sendo reproduzido dentro e fora da escola.

Assim, foram aplicadas atividades de pré-leitura do livro como pesquisas e debates de textos a respeito do gênero discursivo diário e com a temática da obra e associar com uma pesquisa crítica a respeito da vida da autora Carolina Maria de Jesus. Posteriormente, fez-se a leitura da obra, tanto coletiva quanto individual e suscitou-se os comentários, impressões e concomitante, iniciou-se a produção textual de pequenos diários pessoais em sala de aula.

Os diários se mostraram como material de análise tanto do professor quanto do aluno, uma troca de experiências pessoais, exercício da criticidade e fonte de desenvolvimento de competências linguísticas uma vez que foram observadas a integridade das obras produzidas pelos alunos, a literariedade das obras, a representatividade identitária e complexidade dos textos e a diversidade textual.

A pesquisa apoiou-se em base bibliográfica, com o intuito de alcançar os objetivos aqui propostos pela sequência de atividades e assim, aventar as possibilidades que o trabalho com a leitura e produção textual do gênero em questão

poderia oferecer em situações de aprendizagem, tais como: o professor, na condição de mediador, com a possibilidade de induzir o aluno a alcançar a sua autonomia na aquisição de aprendizagens significativas, no exercício da autoria e coautoria, na medida em que o educando não apenas opina sobre um determinado tema, mas também levanta ideias e questionamentos.

### **3 ESTUDO DE CASO: ASPECTOS COESIVOS E LINGÜÍSTICOS DAS MEMÓRIAS**

Segundo Fávero (2002), a coesão e a coerência, dentre outros fatores, formam o conceito de textualidade. A coerência é um “conceito semântico referente às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem um texto” (FÁVERO, 2002, p. 9). A coesão obtém-se por meio da gramática e do léxico.

A coerência resulta de processos cognitivos entre os usuários assim pode ocorrer um sequenciamento coesivo de fatos isolados que não possuem a condição de formar um texto. Por outro viés, podem existir textos destituídos de coesão, mas cuja textualidade se dá pelo nível da coerência.

A coerência não está somente ligada à sucessão linear dos enunciados mas também, na ordenação hierárquica deles, e depende do contexto pragmático no qual o texto está inserido.

O texto coerente é aquele em que nota-se a possibilidade de continuidade de sentido entre os conhecimentos proporcionados pelas expressões do texto. É incoerente o texto em que o leitor/alocutário não possa descobrir nenhuma continuidade, provavelmente porque nota-se uma discrepância entre a configuração de conceitos e relações expressas e o conhecimento de mundo dos receptores.

O diário **A** e o diário **D** apresentam a repetição de pronome pessoal do caso reto e é usada como uma forma de referenciar e destacar algo já mencionado por ele anteriormente, como preenchimento do espaço do sujeito e do objeto:

**Diário A:** “Primeiramente amo Deus o meu pai e o meu irmão depois eles são meus chodos os meus sobrinhos eles gostam muito de mim tem muito tempo que eu não os vejo fiquei sabendo de que o meu sobrinho aprendeu a andar queria muito ver ele mais por enquanto

não dá pois eles moram muito longe gosto muito do meu irmão ele tem síndrome de Down ele é muito carinhoso com migo sempre está se preocupando como estou acho ele tão engraçado e tão bondoso com migo quando ele esta na rua e o meu pai compra algo pra ele ele pede pro meu pai comprar pra mim também”(…)

“Eu agradeço a Deus por ter ele como irmão o Gabriel as vezes ele fala que queria ser igual a mim e eu falo que eu que queria ser que nem ele pela sua bondade e amor ele é muito especial para mim”(…)

**Diário D:**“Querido diário.

A situação mais difícil que eu passei em toda a minha vida foi quando a minha mãe estava se separando do meu pai. Isso não faz muito tempo, eu me lembro perfeitamente quando a minha mãe entrou em depressão e eu e minha irmã que sofriamos muito com isso.(…)

Eu sofria muito de ver a minha mãe chorando e muito assustada com os carros de polícia que iam à minha casa todos os dias.

Hoje a minha mãe já melhorou e até vai casar novamente dia 5 de julho”.(…)

“As melhores experiências escrever o diário foi que eu pude desabafar as coisas que eu estou sentindo seja elas boas ou ruins.

Nada foi ruim enquanto eu estava escrevendo exeto a vergonha que eu sentia depois que eu escrevia (…).

Um outro aspecto relevante notado nos diários **A** e **B** é a forma como se relacionam com a obra de Carolina Maria de Jesus. Ao destacar a história da autora, como inspiração e força, acabam por desabafar momentos delicados que viveu em suas famílias e como isso serviu para os unirem, em alguns casos.

**Diário A:** “hoje nos lemos mais uma parte do livro Quarto de despejo gostei muito de sua história a pesar de suas dificuldades.

Estou

**Diário B:** “Eu estou achando esse livro muito bom. a história da Carolina Maria de Jesus é infelizmente, triste, mais ajuda as pessoas a pensar o que ela passava e colaborar com os pobres”.(…)

“O meu maior desejo é que meu pai volte a falar normalmente com a minha mãe e pare de agir como se não gostasse das minhas irmãs porque ele até tirou a pensão da minha irmã mais velha.

A situação mais difícil pra mim foi o divorcio de meus pais, eu fiquei passando mal durante semanas” (…).

Tais afirmativas são reforçadas de acordo com Hanks (2008) em que um contexto é um conceito teórico baseado em relações. Não há contexto que não seja “contexto de” ou “contexto para”, e atualmente se reconhece que a produção de

sentido que ocorre na linguagem depende fundamentalmente, ou inteiramente, do contexto em si.

Assim, a interação humana é vista como o local primordial para a socialização. O ser humano possui a tendência de manter relações com os outros, e essas relações intersubjetivas compõem uma rede interacional que constitui o locus das ligações sociais humanas.

Isso também mostra-se perceptível nas escritas dos cadernos, notam-se que o ato de diálogo com o próprio texto, ou seja, como interlocutor íntimo, um verdadeiro confidente, caso específico do diários **D**:

**Diário D:** “Eu estou amando fazer o meu diário na escola e eu acho mais legal ainda a gente fazer esse diário em inspiração a uma mulher que morava na favela e escrevia todas as coisas que passava na casa dela e fora também.

Eu admiro muito essa história e fico feliz porque depois de tudo que ela passou ela pelo menos ficou reconhecida” (...)

“Querido diário.

A situação mais difícil que eu passei em toda a minha vida foi quando a minha mãe estava se separando do meu pai. Isso não faz muito tempo, eu me lembro perfeitamente quando a minha mãe entrou em depressão e eu e minha irmã que sofriamos muito com isso.(...)

Eu sofria muito de ver a minha mãe chorando e muito assustada com os carros de polícia que iam à minha casa todos os dias.

Hoje a minha mãe já melhorou e até vai casar novamente dia 5 de julho”.(...)

“As melhores experiências escrever o diário foi que eu pude desabafar as coisas que eu estou sentindo seja elas boas ou ruins.

Nada foi ruim enquanto eu estava escrevendo exeto a vergonha que eu sentia depois que eu escrevia (...).

A parte disso, no diário **B**, destaca-se uma dificuldade em iniciar a escrita. O aluno vê o trabalho mais como uma forma de adquirir pontos para o bimestre e apenas fala de forma superficial sobre a leitura da obra Quarto de Despejo. Vale ressaltar que o aluno demorou duas semanas para escrever a primeira anotação e ler efetivamente o livro, tanto que pensar que a autora era uma menina e não, uma mulher com filhos.



“Esse diário é um bom trabalho, ele ajudará a professora e os alunos a ganharem pontos.  
A turma está lendo um livro da autora Carolina Maria de Jesus. Ela era uma menina pobre e vivia catando lixos recicláveis” (...).

Acrescenta-se também que o diário **C** de falar de si mesmo e não “gostar de muitas coisas”, mesmo sem falar o que seriam, necessariamente. Porém, da mesma forma como insistia em negar sua fala, acabava mencionando desde a primeira anotação fatos muito íntimos e que interferiam diretamente em seu comportamento.

“Não gosto de muitas coisas, e nem em particular. E também não gosto de falar de mim.  
Sou fechada. Não gosto de nada, posso dizer que sou um pouco anti-social.  
Eu já passei por muitas coisa: eu só tenho 15.  
Já me envolvi com drogas muitas vezes. Sempre eu vivia largada. Minha mãe não sabe. Só meu irmão mais velho que sabe o que eu passei” (...).

Observa-se igualmente o uso de expressões recorrentes da fala durante a escrita do diário e em alguns momentos dialoga diretamente com o texto:

“Bem, sobre esse trabalho, o diário, eu não gosto de falar de mim, nem escrever nada”(…)  
“Ontem, dia 02/06 eu furei meu nariz tipo dueu pacas mais depois passo. Há e minha mãe veio me ver, é que tipo eu não moro com ela porque ela é mei que dezechilibrada”(…)  
“Bem acho que o que eu irei falar aqui er muito triste: Infelizmente estou grávida de um menino da minha sala: é eu sei, isso é tenso” (...).

Ao final do período de três meses, o mesmo aluno demonstrou satisfação em falar sobre si, mesmo reiterando o quanto é difícil, ou seja, escrever o diário mostrou-se uma atitude contraditória, mas também libertadora:

“A melhor experiência em escrever o diário foi eu poder me abrir.  
O pior é falar sobre mim e o que eu passei pois não gosto.  
Mudei meu jeito de pensar e de vestir. Kkkkkkkkkk”  
Espero no futuro ser independente ter meu próprio dinheiro. Não depende de homem (...).

Desse modo, a partir de Magda Soares, pode-se compreender que:

“Ao permitir que o sujeito interprete, divirta-se, seduza, sistematize, confronte, induza, documente, informe, oriente-se reivindique e garanta sua memória, o efetivo uso da escrita garante-lhe uma condição diferenciada na sua relação social com o mundo, um estado não necessariamente conquistado por aquele que apenas domina o código” (SOARES, 1998, p. 23).

Assim, a aquisição da leitura e da escrita ultrapassam os limites da mera educação sistêmica do indivíduo. Na verdade, ambas viabilizam uma gama de possibilidades de expressão e comunicação com o mundo circundante conferindo a ele uma ascensão cultural e social e sobretudo, de crítica da realidade a qual está inserido.

## 4 CONCLUSÃO

O presente artigo utilizou como escopo do diálogo e das reflexões críticas que se relacionaram diretamente à obra **Quarto de despejo**, de Carolina Maria de Jesus e lida pelos alunos dentro e fora da sala de aula, uma vez que foi por meio de seu diário que a autora tornou-se sujeito de si mesma e de suas ações ao expor seus dramas e angústias, seus medos e frustrações. Como se viu, foi proposto que os alunos passassem por processo similar na construção de si mesmos, a partir de suas memórias, mas tendo a escola como ponto de referência.

A obra analisada funcionou na prática cotidiana com os alunos como *input* para expressão de si mesmos. Por meio dessa referência narrativa, puderam tornar-se sujeito social, assim como o fez a autora, ao retratar a pobreza e a miséria presentes na favela, que a identificou como sendo o “quarto de despejo da sociedade”.

Percebeu-se, portanto, que ao entrelaçar a vida da autora com os diários pessoais, houve um pouco de Carolina, seja de forma indireta nas palavras de cada aluno, seja mencionada por cada um deles como um referencial de vida e de consciência social. Os relatos, portanto, não se mostraram como “fins arranjados ou estanques”, pelo contrário, abriram caminho para futuras investigações e compreensão a respeito da reiteração da memória e da identidade por meio da análise do discurso e utilizadas num determinado gênero discursivo

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 6ª ed. 2011.

\_\_\_\_\_; VOLOCHÍNOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, SP: Hucitec, 14ª ed. 2010.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2002.

HANKS, W. **A língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008.

KLEIMAN, B. Angela (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. Coleção Letramento, Educação e Sociedade.

LIBERALI, Fernanda Coelho. **O diário como ferramenta para a reflexão crítica**. 1999. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

LIMA, R.G.S. **Volta Redonda do café e do leite**. Volta Redonda: Prefeitura de Volta Redonda, 2004.

ORLANDI, E. Identidade linguística escolar. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001. p. 203-212.

PENNA, M. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001. p. 89-112.

SOARES, Magda Becker. **Letramento, um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.